

PASSAR-ELA

Francisco Javier Calvo del Olmo

Ficou toda estremeçada. Uma náusea presa na gola que não podia mais sair para a boca. Olhou medrosa arredor, viu seus reais assassinos e quis gritar, deixar voar todo o horror que lhe apertava o peito, mas só conseguiu cuspir um escuro fio de sangue mudo. Miraculosamente sentiu bater o coração, uma fâisca de vida brilhante ainda nos olhos! Não pensou, não restava tempo. Botou a correr pátio adiante, empurrou o portão do quintal com lágrimas e foi-se embora. Fugia...

A rua era um labirinto de pés e de mãos, fulgor de palmeiras multicolores, desfile de docíssimos frutos e sons de couro. A cidade era uma selva de pedras e de almas. E lá ia a malfadada amante do rei; correndo como uma tola pela avenida, com as mãos na cabeça. Descoroada entre dançarinas coroadas, e mulatos nus, e garotas em biquíni, e peitos em flor e plumas fervendo. O povo apontou para ela o seu olhar milóculo, desfeito em aplausos. Era lógico, nunca se tinha visto no Rio fantasia semelhante. Trajava espanto, mas era humano o gesto – sentenciariam os críticos sem que lhes faltasse razão.

No meio do gentio, uma rapariga moura mostrava um espelhinho oriental. E lá, sobre a lisa superfície do vidro, refletia-se a graça antiga, a alteza do nobre berço. Deteve-se Dona Inês. Respirou fundo, muito fundo, maravilhada de respirar ainda que a tosse queimasse seus pulmões. Espreitou a palidez do rosto, os peitos firmes apertados por avelório de gótico rubi, o manto de lã de Castela, as meias de veludo, os sapatinhos brocados de sanguíneos lunares. O doce pescoço da *bela garça*, desditoso, agora degolado. Um cabelo rebelde caía testa abaixo, ela colocou-o de novo no tocado com cuidado descoordenado. Prendida nas margens de um segundo infindo.

Sabem as mais velhas caboclas do lugar, essas que dizem guardar uma pinga de feiticeira africana nas veias, que o mundo não é o que existe; o mundo é o que acontece. O fado de um esquecido deus celta, o acaso errático da imprevisível fortuna ou o recreio das mandingueiras levou a Inês de Castro ao carnaval carioca com o fôlego de seu derradeiro suspiro. Aconteceu que ela desejou bailar a dança da morte a ritmo de blocos e batuque. Aconteceu que todos os homens – negros, loiros e índios – desejaram a dama branquivermelha. E todas as mulheres – caipiras e senhoras – desejaram o rubi dela que fervia no alvo peito. Aconteceu que dona Inês, a nobre galega, foi rainha ainda viva.

O arrepio chegou quando ela tirou a máscara: a cabeça rachou o pescoço, o tocado inclinou-se sutil deixando ao vento a cabeleira dourada, laços que voam como borboletas levando longe a alma, migrante a estelas sem centro nem pontas. Uma fonte de sangue azul. Uma mulher ou um rio sobre a fronteira entre alhures e nenhures. Uma fonte de sangue vermelho, pois o azul não bastava. A cabeça bateu a terra. Sangue preto, o mais profundo. O carnaval se quebrou num berro. Cabeça bailando no chão!

Tam
Tam
Tam ...